



## PSICANÁLISE E LÓGICA - A LETRA E O LITORAL: UM ESTUDO DO CAPÍTULO VII DO SEMINÁRIO 18, LIÇÃO SOBRE *LITURATERRA*

*Psychoanalysis and logic – The word and the coast: a study of Lacan’s Seminar 18 – Chapter 18,  
Lesson on Lituraterra*

Maria Cristina de Távora Sparano<sup>1</sup>

### RESUMO

Qual é o objeto da lógica? Seria a arte de bem conduzir o discurso? Mas conduzi-lo para onde, com que finalidade? Haveria uma normatividade independente, que definisse o racional independente do real? É Lacan que pergunta e nos responde no sem. XIX: “eu proponho definir o objeto da lógica como aquilo que produz a necessidade de um discurso. E afirmo que o simbólico, o imaginário e o real se afirmam nos impasses da lógica.” (LACAN, 2011, p. 40). Muitos comentadores encaram os recursos lógicos de Lacan como uma provocação, mas entendo que não, pois são muito coerentes com seus princípios, tanto lógicos, quanto linguísticos, antropológicos e principalmente matemáticos.

### ABSTRACT

What is the object of logic? Would it be the art of conducting a speech well? But lead him where for what purpose? Would there be an independent normativity, which would define the rational independent of the real? It is Lacan who asks and answers us in the without. XIX: "I propose to define the object of logic as that which produces the need for a discourse. And I affirm that the symbolic, the imaginary, and the real assert themselves in the impasses of logic." (LACAN, 2011, p. 40). Many commentators regard Lacan's logical resources as a provocation. Still, I understand that they are not, as they are very consistent with his logical, linguistic, anthropological, and mainly mathematical principles.

### 1. Transmissão da psicanálise

Promover a diferença do discurso lógico tradicional da filosofia do discurso da psicanálise, não esquecendo que o discurso da filosofia pode dar o suporte a esse discurso.

### 2. Objeto

Quanto ao objeto, qual é o objeto da lógica? (LACAN, 2011, p. 40) *‘Le Seminaire livre XIX ...ou pire* – em francês) Seria a arte de bem conduzir o discurso? Mas conduzi-lo para onde, com que finalidade? Haveria uma normatividade independente, que definisse o racional independente do real? É Lacan que pergunta e nos responde no seminário XIX: “eu proponho definir o objeto da lógica como aquilo que produz a necessidade de um

<sup>1</sup> Departamento de Filosofia – UFPI. E-mail: cris-sparano@ufpi.edu.br  
CADERNOS PET, V. 13, N. 26

discurso. E afirmo que o simbólico, o imaginário e o real se afirmam nos impasses da lógica.” (LACAN, 2011, p. 40).

Muitos comentadores encaram os recursos lógicos de Lacan como uma provocação, mas entendo que não, pois são muito coerentes com seus princípios, tanto lógicos, quanto linguísticos, antropológicos e principalmente matemáticos.

### 3. Metodologia

E qual seria então a metodologia que poderíamos utilizar nessa análise do modelo lógico lacaniano dos anos 60? Em que lógica poderíamos nos apoiar? Numa lógica intuicionista, como sugerem alguns como Badiou, a “Lógica dos mundos: o ser e o evento” como em Pascal, Spinoza, Nietzsche, Heidegger... ou na lógica paraconsistente tão estudada por Newton da Costa?

Sugiro começar pela *lógica das proposições*, das palavras e das frases, dos ditos e do discurso, das crenças dos falantes, com o *princípio de caridade* de D. Davidson (maior acordo possível e menor desacordo entre as crenças sempre partindo de uma atitude proposicional) e as *implicaturas conversacionais* de H.P. Grice em situações desviantes, onde atribuímos às expressões utilizadas significações que não são as significações usuais para os falantes de uma língua objeto (um jogo de linguagem onde uma complementação pragmática de base semântica, sustenta o complexo significativo de um fragmento discursivo).

Exemplos de atitudes proposicionais que envolvem crenças e que utilizamos nos nossos discursos não convencionais: “Eu acredito que Marilyn Monroe foi amante do presidente dos EUA”, ou: “Eu acredito que o presidente da república é um espião”, ou mesmo o exemplo de implicaturas conversacionais num diálogo, quando alguém pergunta por fulano que está trabalhando num banco e esse lhe responde: “Ele está muito bem, eu acho; ele gosta de seus colegas e ainda não foi parar na cadeia...”

O entendimento dessas situações de fala só é possível mediante a atribuição de determinadas significações não usuais. Essas outras significações que as expressões podem adquirir envolvem crenças ou opiniões dos falantes que não são expressas no discurso literal. Isso pode orientar a compreensão da significação em situações nas quais o dito parece violar regras semânticas (por exemplo, chistes, atos falhos e até os sonhos).



Trazemos a *semântica*, a *lógica do discurso*, assim como *teorias do significado* nesse contexto lógico lacaniano porque procuramos unidades significantes que produzam significado para resolver problemas de compreensão entre nós, os falantes.

Davidson emprega o princípio de caridade para preservar as leis da lógica e resguardar a coerência lógica ou a racionalidade das crenças. O princípio de caridade toma ainda a forma de um princípio de veracidade das frases e das crenças, porque garante ao intérprete pressupor a verdade de suas próprias crenças assim como as do falante. Arrisco a dizer que Lacan utiliza esses recursos também como máximas de interpretação. Com Grice e o tema das implicaturas, podemos ter um entendimento razoável de determinadas situações de fala nas quais o que é dito não se reduz às situações já conhecidas em que as expressões foram utilizadas, mas observando bem que o processo não pode ir longe demais onde qualquer interpretação valeria.

Proponho como norte epistêmico estes dois princípios citados (*Princípio de caridade* em Davidson e o *tema das implicaturas* em Grice) porque do ponto de vista da análise semântica e a análise da linguagem, queremos chegar à questão da literalidade, tradução e da interpretação abordada no final do capítulo *Lituraterra*.

Com esse solo teórico e filosófico penso podermos examinar a lógica lacaniana e o suporte lógico dos esquemas, dos grafos e dos matemas, sem desconsiderar o aporte da linguística, de Saussure a Jakobson que levaram Lacan, no seminário XX a dedicar o capítulo II *Á Jakobson*, tirando as consequências da lógica do significante e seus efeitos assim como sua formalização com os matemas e as fórmulas da sexuação, seu ensino dos anos 70.

#### **4. As falhas da semântica e a topologia**

A lógica lacaniana é uma lógica da diferença, como diz Badiou, onde o contingente é o que vale, ao lado do possível, impossível e necessário para não fugir as nossas marcas aristotélicas e clássicas. Mas essas referências apenas traçam um caminho para abordarmos, a TOPOLOGIA.

A topologia marca uma mutação epistemológica determinante no projeto lacaniano. Ela constitui o estudo dos aspectos qualitativos das formas e leis de conexão, da ordem dos pontos, dos planos, das superfícies, corpos e a reunião de muitos deles, suas medidas e suas grandezas. Aqui o que queremos fazer é, no entanto, notar o ensino de Lacan dos



anos 60, a topologia de superfícies em Lacan como o toro, a banda de Moebius, o cross cap, a garrafa de Klein e o tão conhecido nó borromeano. Seria mais um recurso de “demonstração” da falha na significação, desenvolvida para estudar a estrutura dos objetos psíquicos.

O caso do seminário XVIII - *LITTERA*, A LETRA – *LETTRE*, *LETTER*, *LITTER*.

O que queremos fazer notar no capítulo *Lituraterra* do seminário 18, é o que a topologia nos fornece como uma lógica de borracha ou plástica quando se refere ao simbólico, ao real e ao imaginário. Como sublinha Lacan, sua topologia não é uma teoria, mas a evidência dos cortes do discurso quando modificam a estrutura que o acolhe na origem (*l'Atourdit* em *Autres Ecrits*). Isso leva o psicanalista e a psicanálise a repensar as divisões racionais e tradicionais: dentro/fora, direita/ esquerda, por baixo/ por cima, e aos lados. Devemos também levar em conta o prefixo da língua alemã “*ver*” e o contraditório e a negação quando usado em expressões da psicanálise, principalmente aquelas que conhecemos da psicanálise freudiana e lacaniana, (*VERneinung*)- recalque (*VERdrangung*) - rejeição, (*VERwerfung*) - que dará origem à forclusão, conceito central no estudo da psicose por Lacan.

Podemos dizer que a lógica do inconsciente é a lógica da linguagem nesses moldes.

Na *Instância da letra no inconsciente*, Lacan fala da LETRA e que essa deve ser tomada ao PÉ DA LETRA, como um suporte material que o discurso concreto toma à linguagem e que ele serve ao sujeito falante e é não apenas efeito de transcrição. Mas como entender isso? Porque isso não define a LETRA.

O texto que Lacan utiliza para compreendermos a função da LETRA que em francês é *LETTRE* é o *Seminário sobre A carta roubada*, que, no conto de Edgar Allan Poe de mesmo nome, as personagens perseguem o destino de uma carta. A carta, *LETTRE*, ao mesmo tempo em que instaura uma cadeia significante entre os personagens, jamais saiu do lugar onde fora depositada.

O fracasso da carta do conto de Poe, *LITTER*, revela a originalidade da *LETTRE*, como instância do inconsciente. A carta nunca chegou ao seu destino embora todas saibam de seu conteúdo e suas implicações, para Lacan esse é o terreno da LITERATURA, mas que marca o primado do significante. A *LETTRE*, ou seja, a carta carrega seu destino.



A LETRA é consequência do saber em xeque, figura do abismo nas palavras de Lacan. Então, a pergunta é se a LETRA instaura um “limite”? E ainda se a LETRA é LITERAL? Não é, Lacan afirma, e ela deve ser fundada no LITORAL.

A figura do LITORAL pode ser uma fronteira, mas não é sinônimo de fronteira.

Lacan nos responde dessa forma: “Aliás, vocês devem ter observado que essas duas coisas não se confundem. O LITORAL é aquilo que instaura um domínio inteiro, formando uma outra fronteira, mas justamente porque eles não têm nada em comum, nem mesmo relação recíproca. “ (LACAN, 2009, p.109).

A LETRA é um “traço”, uma forma de caligrafia, como o que se vê na caligrafia chinesa, elidida na escrita cursiva. O traço dessa escrita é sempre vertical. Essa caligrafia se faz com tinta e pincel, são traços que se cortam e entrecortam e constituem “rasura”.

É no capítulo VII, “Lição sobre *Lituraterra*” que podemos esboçar uma compreensão a respeito disso.

Lacan relata o que ele viu ao sobrevoar a planície siberiana a partir do Círculo Ártico, numa nova rota de suas viagens ao Japão. Num ensaio que ele chama de Siberiética, cuja condição decisiva dessa análise é a do litoral acidentado, onde ele observa um escoamento das águas, único “traço” que aparece para ele na planície siberiana. Uma planície desolada, reflexos de um “escoamento”, uma rasura do traço na terra, como as ondas do mar ao bater na praia, no litoral, constituindo rasuras na areia.

De acordo com sua teoria, na escrita, a LETRA, o traço, está no real, o significante, escrita, está no simbólico.

“Viram a dificuldade?”, ressoa Lacan. Nos comunicamos através da escrita com as palavras e a palavra tem uma função simbólica. Porém a LETRA, recurso da escrita, como nos ideogramas, são marcas de tinta no papel escoadas com o pincel. Para o sujeito, a escrita não decalca o significante, só lhe dá nomes, como para todas as coisas.

Não há o LITERAL, o ao “pé da letra”, mas um LITORAL marcado pela letra que é um esboço, traço entre o real e o simbólico.

## Referências

DE ARAUJO DUTRA, Luiz Henrique. **Introdução à epistemologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010.



- GRICE, H.P. **Logic and conversation**. In: COLE, P. MORGAN, J.L. (Ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975. v. 3. p. 43.
- LACAN, Jacques. **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. **Lituraterra**. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. **O Seminário livro 18: De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009
- LACAN, Jacques. **Seminário sobre “A carta roubada”**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. **Autres écrits**. Paris: Seuil, 2001.
- LACAN, Jacques. **Le séminaire liv. XIX... ou pire**. Paris: Seuil, 2011.
- LACAN, Jacques. **O Seminário livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- SPARANO, M.C.T. **Linguagem e significado: O projeto filosófico de Donald Davidson**. 1. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.